

Capítulo 1

GEED: DISSEMINAÇÃO DE AFETO, OLHARES E SABERES

**Roberta Maria Ferreira Alves
Wellington Marçal de Carvalho**

1 A IDEIA E A PROPOSTA

Há momentos em que a passagem do tempo parece se apresentar, ainda que alguém não se dê conta disso, de forma mais acentuada. Essa percepção ocorreu em meados de fevereiro de 2019, quando folheávamos a obra *Brasil afro-brasileiro*, organizada pela Professora Maria Nazareth Soares Fonseca, buscando subsídios para melhor consubstanciar reflexões sobre as configurações articuladoras de imagens do negro, notadamente, na cultura brasileira. Essa visita interessada pelo capítulo, de autoria de Fonseca, acabou por levar ao texto que encerra a obra, escrito por Jussara Santos, denominado “Uma tentativa de traçar pistas de vanguarda”. Naquele artigo, Santos (2001), pesquisadora das Letras e, também, contista, faz interessante “resgate de parte da história do Grupo Interdisciplinar de Estudos Afro-brasileiros, memorável iniciativa de alunos da UFMG, no início dos anos 90 do século XX”, “[...] quando relata um período de grande produtividade do grupo e a feliz parceria com pesquisadores brasileiros e americanos que resultou em produção bastante significativa” (FONSECA, 2001, p. 9).

A riqueza informativa que o registro de Santos carrega desperta para a necessidade de enveredar por caminho semelhante e encoraja a uma nova tarefa: a retomada de algumas peças que, ao fim, permitem dar a conhecer os trabalhos intensos, no campo da pesquisa com as literaturas africanas de língua portuguesa e de literatura inglesa e da diáspora cultural, encampados pelo Grupo de Estudos Estéticas Diaspóricas (GEED), no limiar de completar 10 anos

de atividades ininterruptas, sob a liderança da Professora Maria Nazareth Fonseca.

O caráter agregador e a abertura marcadamente dialógica, tanto dentro de seu campo de reflexão específico, as literaturas, quanto em outras áreas do saber, como as artes plásticas, a história, a geografia, a sociologia, a filosofia, a música, o cinema, a televisão, a arte urbana, o teatro, enfim, com todo empreendimento reflexivo que ofertasse substrato para a verticalização de sua proposta central e inicial da pesquisa: “as múltiplas feições através das quais se encena a memória em textos africanos de língua portuguesa” (FONSECA, 2009, p. 1). De uma forma gradativa como rias, a pesquisa se desdobrou, e continua se desdobrando em espaços múltiplos, interdisciplinares e intertextuais.

Dado esse contexto e compartilhada a motivação, resta encaminhar os objetivos do presente relato. Pretende-se construir uma visão panorâmica que ilumine alguns instantes, de acordo com sua cronologia natural, das memórias que perfazem a vida do GEED, desde sua criação até os dias atuais. Ademais, ao tentar reunir a infinidade de peças desse mosaico, almeja-se deixar claro o caminho de pesquisa já realizado e apontar, no que for possível, para alguns desdobramentos reflexivos em que estudiosos desses saberes podem se sentir incentivados a investir energia para enfrentar a agenda de pesquisa das estéticas diaspóricas.

2 NOSSOS CAMINHOS

O Grupo de Estudos Estéticas Diaspóricas se origina quando do desenvolvimento do projeto de pesquisa proposto pela Professora Maria Nazareth Fonseca, no ano de 2010. Tal informação natalícia ratifica-se, inclusive, no plano de trabalho para o biênio de 2010-2011, integrante da proposta que foi encaminhada ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), conforme as palavras da coordenadora do projeto delineiam: “As conclusões parciais serão sempre discutidas no Grupo de Estudos Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (Grupo de Estudos

Estéticas Diaspóricas – GEED) [...]” (FONSECA, 2010, p. 18). No nosso entendimento, seria interessante e didático dedicar algumas linhas para aquele projeto inicial e, de igual modo, aos dois outros que aprofundaram as questões motivadoras daquele realizado no período de 2010.

Antes, porém, vale mencionar o projeto desenvolvido no período de 2006-2010, intitulado “Percursos da memória nas literaturas africanas de língua portuguesa contemporâneas”, que certamente contribuiu para o surgimento do GEED, no ano de 2010¹². A utilização da memória como temática principal de narrativas africanas demonstrando como elas materializam uma mescla entre a tradição oral, o nacionalismo, a colonialidade e a pós-colonialidade, a tecnologia em um ir e vir híbrido que se constitui como um todo, são elementos reflexivos que permitiram dar seguimento à pesquisa e a novos projetos. Dessa maneira, encontramos no calendário de atividades do primeiro semestre de 2014, o registro da vinculação do

¹² Eis, de acordo com Fonseca (2019), o resumo do Projeto: A experiência literária, nos países africanos de língua portuguesa, na época atual, ao fazer da memória um dos fortes temas que a fertilizam, retoma o diálogo com as tradições da oralidade e instiga a retomada, no âmbito da teoria literária, de questões relacionadas às ideias de nação, nacionalismo, colonialidade e pós-colonialidade. Ao se voltarem para as intensas transformações provocadas pela invasão dos recursos tecnológicos, particularmente nos centros urbanos, e por arranjos e mesclagens que se mostram de forma significativa em diferentes “locais de cultura”, as literaturas africanas de língua portuguesa propiciam o contato do leitor com formas de agenciamentos e articulações que se efetivam no campo da linguagem, em suas relações com outros discursos como os da História e da Antropologia e com manifestações específicas do universo da oralidade. Atento a esses fenômenos que intensificam as contradições dos cenários culturais na época atual, o projeto tem como proposta investigar em obras das literaturas africanas de língua portuguesa, publicadas no período de 1985 a 2006, os modos como a memória se faz mediadora das relações entre a escrita literária e outras linguagens que circulam no universo da oralidade, mostrando-se, ao mesmo tempo, como agente motivador de experiências inovadoras no campo da linguagem.

Grupo, propriamente dito, ao projeto, desenvolvido junto com pesquisadores de instituições brasileira, portuguesa e angolana, denominado “Trânsito da memória nas culturas/literaturas africanas de língua portuguesa: o lugar dos textos memorialísticos e o resgate da função tradicional do registro histórico”.

3 ENTRE IDAS E VINDAS

Em breve síntese, o projeto “Migrações e deslocamentos: a constituição de estéticas diaspóricas nas literaturas de língua portuguesa”, cujo processo de número 301481/2009-1 foi aprovado pelo CNPq para o período de 2010-2014, no desenvolvimento da pesquisa procurou “acentuar que as ‘estéticas diaspóricas’ e os desenhos rizomáticos, nas produções literárias selecionadas, fazem parte de um processo de escrita que conecta saberes vários, gêneros textuais diversos em uma produção “impura” porque desestabiliza a ordem da escrita convencional” (FONSECA, 2010, p. 13). Nesse sentido, a expressão ‘estética diaspórica’, tomada a Kobena Mercer (1994) e a Stuart Hall (2003), aproxima-se do conceito de rizoma que está em reflexões de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010), mas também em Édouard Glissant (1990), quando retoma o conceito para refutar a noção de identidade fixa, metaforicamente pensada como raiz pivotante presa no solo.

É interessante transcrever o objetivo do projeto, como o concebeu Fonseca (2010, p. 15-16): analisar os elementos configuradores de uma “estética diaspórica”, a partir dos diversos sentidos que a expressão permite construir, para repensar as hibridações de saberes vários e gêneros textuais diversos encenados em textos das literaturas africanas de língua portuguesa por uma escrita desestabilizadora e tensional. Tal objetivo se desdobra em outros mais específicos: a) promover o diálogo entre as obras de autores africanos de língua portuguesa de diferentes espaços culturais, tomando como referência o trânsito de temas e signos estéticos que permitem a configuração da força subversiva de tendências hibridizantes; b) destacar a maneira como se organiza, na

obra de cada autor específico (Luandino Vieira, Manuel Rui, Boaventura Cardoso, Ruy Duarte de Carvalho, Mia Couto e Ana Paula Tavares), as estratégias configuradoras de “estéticas diaspóricas”, seja em termos de estruturação rítmica, ou narrativa, seja em termos de estranhamento dentro da língua portuguesa canônica; c) identificar na trajetória literária dos autores a tentativa de forçar/superar/ultrapassar as fronteiras do cânone literário e linguístico por meio do aproveitamento e da inserção no texto literário do manancial da tradição popular, conhecido através de trabalhos de investigação antropológica e representações de questões relativas à identidade (pessoal e coletiva); e d) avaliar quais novos rumos as “estéticas diaspóricas” constroem no cenário literário dos países de origem dos escritores selecionados.

O projeto integrou, conforme registrado no currículo Lattes de Fonseca (2019), em sua equipe de pesquisadores, alunos de graduação, de especialização, de mestrado e de doutorado. A pesquisa tomou rumos que inicialmente não foram previstos de forma quase autônoma; nosso grupo foi direcionado a uma questão que às vezes diretas e outras indiretas nos instigou a analisarmos o Realismo em suas nuances através dos tempos, suas diversas nomenclaturas e abordagens, fazendo assim surgir mais um desdobramento das pesquisas do grupo.

4 LEITURAS E RELEITURAS DE REALIDADES

O plano geral do Projeto “Realismo e novos realismos nas literaturas africanas de língua portuguesa”, aprovado pelo CNPq, para ser executado no período de 2014-2018, conforme descrição de Fonseca (2019), objetivava investigar, em obras das literaturas africanas de língua portuguesa, vestígios de pressupostos herdados do neo-realismo no Brasil (o romance regionalista de 1930) e do neo-realismo português, bem como, as novas tendências realistas que podem ser identificadas em narrativas produzidas a partir de 2005, caracterizando um retorno ao real que se manifesta em diferentes movimentos de conexão com a realidade histórico-social e, ao

mesmo tempo, como recusa dessa realidade. Cumpre dizer, ainda, que o projeto “Realismo e novos realismos...”, bem como o que será apresentado no próximo subtópico, aprofundam questões do projeto inicial, ou seja, o “Migrações e deslocamentos”.

5 PROJETO “DESDOBRAMENTOS E PROLIFERAÇÕES DA MEMÓRIA NAS CULTURAS/LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA”

Fonseca (2019) assim descreve o novo projeto que, aprovado pelo CNPq, foi iniciado em 2018: o tema da memória está presente em diversas obras literárias produzidas nos países africanos de língua portuguesa e tem motivado investigações consistentes e profundas sobre a retomada do passado em obras de diferentes gêneros, publicadas no pós-independência dos cinco países africanos que têm o português como língua oficial. Voltado à investigação desse importante material, o presente projeto almeja demonstrar que, em algumas dessas obras, são transgredidos recursos próprios da narrativa literária e apresentadas questões que bordejam a indagação do teórico camaronês Achille Mbembe (2014) sobre o modo de inscrição da colônia e do colonialismo em textos produzidos no continente africano.

Em torno dessas questões, o projeto pretende analisar, além de produções específicas do gênero romance, obras que acompanham os fluxos da memória, revolvendo experiências dolorosas vividas na prisão, no exílio, na luta armada e explorando gêneros como depoimento, testemunho, diário e outras formas de expressão que se abrigam em terreno que vem sendo nomeado como o da “escrita de si”. Tais gêneros, de surgimento recente nas literaturas africanas de língua portuguesa, ajudam a construir, no desenvolvimento do projeto, uma discussão sobre os “desdobramentos e proliferações da memória” que, encenados no campo da literatura, são também acolhidos por outras manifestações artísticas como cinema, escultura e instalações, produzidas nos

países africanos que têm o português como língua oficial e em outras regiões do continente africano, sobretudo na época atual.

6 OS ENCONTROS

Já foi dito que a trajetória de realização dos projetos de pesquisa, aprovados por agência de fomento federal, o CNPq, incluía, em sua dinâmica, a ocorrência de reuniões periódicas dos integrantes do GEED. Estas aconteceram, regra geral, quinzenalmente, às quintas-feiras, de 14:30 às 17:30 horas. No período de 2010, até o final de 2019, foram realizados mais de 180 reuniões do Grupo.

Logo, parece bastante pertinente percorrer, ainda que abreviadamente, cada um dos anos para apontar o eixo reflexivo preponderante e, por fim, a sólida reflexão que se pavimentou em textos literários e teóricos que sustentaram os encontros/reuniões. Isso feito, tornará explícito o quão eficaz tem sido, uma vez que o Grupo continua ativo, a estratégia adotada.

O ano inaugural, 2010, introduziu a temática das migrações e deslocamentos, investigando e discutindo elementos configuradores de “estéticas diaspóricas”, levando em consideração os diversos sentidos que a expressão permite construir, para refletir sobre as hibridações de saberes vários e as misturas de gêneros textuais diversos, encenadas em textos literários das literaturas de língua portuguesa. Alguns textos teóricos que foram objeto de discussão: “Persona e sujeito ficcional” de Costa Lima (1990); capítulos de **Da diáspora**, de Hall (2003); “A estética de resistência”, de Shoat e Stam (2006); de Klucinskas e Moser (2007), o artigo “A estética à prova da reciclagem cultural”. Alguns dos textos literários conclamados foram: “El guardagujas”, de Juan José Arreola (1951); “O sol nasceu no poente”, de Boaventura Cardoso (2005); **O último vôo do flamingo**, de Mia Couto (1997); “Estranhos pássaros de asas abertas”, de Pepetela (2008).

Em 2011, verticalizaram-se as reflexões no âmbito dos conceitos de diáspora, migração, transgressão e deslocamento, que foram inspiradas, inicialmente, pela constatação de Sarat Maharaj,

retomada por Hall (2003, p. 41): “Estamos diante de uma dupla escrita, aquilo que poderia ser descrito como uma “pérfida fidelidade”. [...] Somos conduzidos ao “efeito de Babel” de Derrida.” Os textos literários foram: alguns contos de **Rio de bons sinais**, de Nelson Saúte (2008); “O relógio”, de Manuel Rui (1985); “Gavião veio do sul e pum!” e “Kalu as garinas e o esquema”, de Boaventura Cardoso (1980); alguns poemas de Filinto Elisio e de Corsino Fortes, bem como, contos de Paula Tavares e Mia Couto. Do ferramental teórico, citam-se: aprofundamento de Klucinskas e Moser (2007); capítulo de **Dialéticas da transgressão**, de Krysinck (2007); partes de **A mobilidade das fronteiras**, de Hissa (2002); **Não sabemos como chamar os outros**, de Canclini (2003); e **O caos-mundo**: por uma estética da relação, de Glissant (2011) relacionando o conceito de “poética da relação” com a noção de “estética diaspórica” de Kobena Mercer e “estética da reciclagem” de Klucinskas e Moser.

No ano seguinte, 2012, as discussões almejaram a análise de arranjos literários em interação com o universo dos griôs, dos missossos e das “estórias contadas em volta da fogueira” e com a observação da contribuição de narradores-contadores e dos “ambientes de contação”, transpostos para os espaços da literatura. Isso se deu pela retomada de textos teóricos importantes para ampliar o eixo da pesquisa e a insistência, na análise de textos literários, em discutir estratégias que se assumem nas tensões características da enunciação. Para pensar as relações da voz e gestos da escrita, o pano de fundo se costura no conceito de “estéticas diaspóricas” (Mercer; Hall), mas, também, de aporte de outras matrizes teóricas que procuram refletir “os traços distintivos da experiência estética” (GUIMARÃES *et al.*, 2006). Vale mencionar, também, o excerto de **Hábito da terra**, de Ruy Duarte de Carvalho que acompanhou esse ano de atividades:

Um texto é como um esforço de existir. A intenção de um lado, uma moral herdada. Do outro lado o curso das palavras, a esteira do seu eco, os sons e os gestos seguidos uns aos

outros, um som que pede um som e essa resposta é já um bolbo de emoção autônoma, para florir madura, à revelia da intenção primeva. [...] Que se constrói? Um texto ou um percurso? A intenção de um lado, resposta vaga, moral herdada. Do outro lado o curso da palavra, da resposta, o som e o gesto seguidos um ao outro, um som que aponta a um gesto que exige o som liberto, e o ato assim é já um bolbo de intenção segura, à revelia da emoção primeira.

Um gesto, quero dizer, um texto. Organizar o gesto como se fosse um texto. (CARVALHO, 1988, p. 910).

Resta citar alguns textos trabalhados: “Afinal, Carlota Gentina chegou de voar”, “Nas águas do tempo”, “Prostituição auditiva” e “As três irmãs”, de Mia Couto (1987); “Pai Zé Canoa miúdo no mar” e “O sol nasceu no poente”, de Boaventura Cardoso (2004); alguns canto-poemas de “Hábito da terra”, de Ruy Duarte de Carvalho (1988) e **Chibugo**, de José Craveirinha (2003). Na vertente teórica, citam-se: “Palavra e poder entre os diolas”, “O jovem mentiroso e o velho sábio” e “Literarização da oralidade, oralização da literatura”, de Derive (1987); “A estratégia da enunciação: o griot”, de Espírito Santo (2000); “Tradições orais, experiência poética e dados da existência”, de Carvalho (1995); “Expressão estética, conceito e desdobramento”, de Duarte (2001); “O que ainda podemos esperar da experiência estética”, de Guimarães (2006); “A poesia que a gente vive, talvez”, de Leal (2006) e, por fim, “Mímesis e crítica da representação em Walter Benjamin”, de Gagnebin (2001).

Em 2013, as problematizações foram, acentuadamente, perseguindo as estéticas diaspóricas e suas possíveis relações com a poética do refugo. Além dos encontros para a apresentação de projetos de doutorado, pelos integrantes do Grupo, as discussões percorreram o texto completo de **Vidas desperdiçadas**, de Bauman.

Sob esse viés se trabalhou, também, o conto “Vavó Xixi e seu neto Zeca Santos”, de Luandino Vieira (2006).

A temática sobre as paixões do real e a estetização da experiência abriu as discussões de 2014, avançando para reflexões acerca de “nação” e “nação literária” com traços (ir)realistas. Foram trabalhados textos teóricos, como por exemplo: “Notas sobre arte, luxo, lixo, consumo e estética do cotidiano”, de Medeiros (2012); **Pequenas crises, experiência estética nos mundos cotidianos**, de Gumbrecht (2006); “O local do testemunho”, de Selligmann-Silva (2010); “A literatura, o universo da reinvenção da diferença”, de Mata (2007); **O efeito de realidade e a política da ficção**, de Rancière (2005); “Narrando a nação: da retórica anticolonial à escrita da história”, de Mata (2008); “Reescrever os limiars da história para repensar a nação”, de Leite (2012); “À margem da nação”, de Miranda (2012); “Imagens de nação em afrodições literárias”, de Fonseca (2011); e “Reconfiguração da nação em Janela para o Oriente de Eduardo White”, de Spinozza (2012). Quanto aos textos literários, citam-se: “601 pares de sapato com metáfora” e “Rabo de peixe frito e rusga”, de Manuel Rui (2001); “O cipai Mandombe”, de António Cardoso (1980); “Cais-do-Sodré”, de Orlanda Amarílis; “Um conto igual a muitos”, de Costa Andrade (1980); “O nosso país é bué”, de Pepetela; “O poente da bandeira”, “Pranto do coqueiro”, “A porta”, “O homem que desconsseguiu roubar” e “As más notícias”, de Mia Couto; algumas cartas do livro “Maninha”, de Manuel Rui e “Um angolano muito especial”, de João Melo (2009).

Em 2015, as discussões foram dedicadas ao eixo das políticas da memória, articuladas nas ideias de memória, lugares de memória, interpretação do passado, testemunho, literatura, domesticação e conflito das memórias. Como ponto de partida foi pinçado um fragmento da reflexão de Viviana de Azevedo:

A ascensão do que Huyssen (2004, p. 101) designa de cultura ou inflação da memória desde os anos 80 é determinada por uma multiplicidade de fatores, incluindo eventos

políticos como o fim das ditaduras na América Latina, a queda do muro de Berlim, o colapso da União Soviética e o fim do *apartheid*, bem como o crescente foco cultural nas histórias de minorias e políticas de identidade. A reciclagem e exploração pela indústria cultural de tópicos relacionados com a memória contribuem para a expansão de preocupações relativas à memória na esfera pública. (AZEVEDO, 2013, p. 14).

O “impulso ao lembrar para não esquecer”, visto como uma das características do mundo atual, atravessou o trabalho com os textos literários seguintes: “O conselho”, de Manuel Rui (1975); “Os caos bois”, de Arnaldo Santos (1986); alguns contos de Suleiman Cassamo; e os romances **Teoria geral do esquecimento**, de José Eduardo Agualusa (2012) e **Noites de vigília**, de Boaventura Cardoso (2014). Entre os textos teóricos, citam-se: “A conservação do passado”, de Todorov (2002); “Entre memória e história: a problemática dos lugares”, de Nora (1993); “A geração da memória”, de Winter (2000); “Sobre as metáforas da recordação”, de Assmann (2011); “Memória, história, testemunho”, de Gagnebin (2004); “O testemunho: entre a ficção e o real”, de Seligmann-Silva (2003); **A invenção de África**, de Appiah (1997); partes de **Crítica da razão negra**, de Mbembe (2014); capítulos de **A ideia de África**, de Mudimbe (2012); **Entre sentimentos e ressentimentos**, de Koubi (2004) e “Supremacia política e insubordinação simbólica”, de Mbembe (2013).

Verticalização reflexiva acerca da temática da intolerância e da violência deu o tom das atividades, em 2016. Um excerto do texto de apresentação de **Papéis da prisão**, de Luandino Vieira (2015) encaminhou a proposta das reuniões, nesse período:

Durante os anos de cárcere, José Luandino Vieira organizou um acervo de textos que preenchem 7 cadernos. O processo de escrita destes textos deu-se em termos cronológicos:

iniciam com a entrada do prisioneiro no Pavilhão Prisional da PIDE em Luanda (1961) e terminam com a sua saída do Tarrafal (1972). A materialidade destes cadernos é composta por aproximadamente 2000 frágeis folhas manuscritas onde o autor anotou a sua visão do cárcere como observatório da nação angolana, manifestou os seus projetos políticos e literários, evidenciou o projeto comunitário de Angola como o veículo da união e resistência coletiva, expressou angústia e sonhos pessoais. Os “Papeis” de José Luandino Vieira são um sismógrafo excepcional para mapear os espaços de detenção e confinamento construídos pelo colonialismo português, nos estertores da sua existência, perante a luta crescente dos movimentos de independência africanos em várias frentes: na clandestinidade, nas prisões, na guerrilha. (VIEIRA, 2015, p. 17).

Os textos teóricos trabalhados foram: partes de **A intolerância**: foro internacional sobre a intolerância, da UNESCO (2000); “Sobre a violência”, de Fanon (2005); “Não sabemos como chamar os outros”, de Canclini (2003); “Festa, luto e anomia”, de Agamben (2004); **A ascensão do romance**, de Watt (2010); “Paixões do real, paixões do semblante”, de Zizek (2003); “Estéticas do artifício, estéticas do real”, de Lopes (2012); “O real cobra o seu preço”, de Chiara (2004); “O realismo de novo” e “As imagens do realismo mágico”, de Schollhammer (2009, 2007); e **Mimesis**, de Auerbach. Foram trabalhados, entre outros textos literários, os romances **Predadores**, de Pepetela (2005) e **Mulheres de cinza**, de Mia Couto (2015).

Em 2017, discutiu-se o conceito de realismo mágico e, num segundo momento, foram elaboradas reflexões ligadas à afirmação de Mbembe (2014, p. 179), para quem “é o corpo que dá carne e peso à subjetividade.” Ao procurar compreender os sentidos construídos pelo enunciado de Mbembe, aprofundou-se a reflexão sobre o tema da memória, a partir de pontos de vista teóricos que acentuam a

necessidade de a discussão sobre memória, esquecimento e trauma voltar-se a mecanismos (discursivos, psíquicos, sociais, políticos) que fazem da violência “um domínio onde todos os paradoxos se dão a ver melhor” (MBEMBE, 2014, p. 186). Os textos teóricos discutidos foram: “Breve história do realismo mágico”, de Márquez Rodrigues (1982); Prólogo da obra **El reino de este mundo**, de Carpentier (1982); **Realismo mágico**, de Uslar Pietry (1988); “Teoria carpenteriana de lo real-maravilhoso”, de Márquez Rodrigues (1982); “Realismo, realismo mágico e realismo maravilhoso”, de Esteves e Figueiredo (2005); partes do livro “O realismo maravilhoso”, de Chiampi (1980); “Explorações no realismo animista”, de Garuba (2012); “O realismo animista e o espaço não-nostálgico em narrativas africanas de língua portuguesa” e “Fustigar os dogmas”, de Saraiva (2007); “Conhecimento de África, conhecimento de africanos”, de Hountondji (2008); “O pequeno segredo” e “Erotismo da mercadoria”, de Mbembe (2014); “Crítica do testemunho”, de Sarlo (2007); “Subjetividade, identidade e testemunho na escrita da história”, de Quinsani (2010); “Literatura de testemunho e a violência do Estado”, de Marco (2004); “Linguagem e trauma na escrita do testemunho”, de Guinzburg (2012); e “O autor e o silêncio catastrófico”, de Vecchi (2010). Os textos literários discutidos foram: “El guardagujas”, de Juan José Arreola (1951); “O sol nasce no poente”, de Boaventura Cardoso (2004); alguns poemas escritos no cárcere ou sobre o cárcere de Agostinho Neto, António Jacinto e Craveirinha; o romance **Muito longe de casa**, de Ismael Beah (2007); “A cela um”, de Chimamanda Ngozi Adichie (2017); **Feras de lugar nenhum**, de Uzodima Iweala (2006); e **O quarto de meus pais**, de Uwen Akpan (2010)¹³.

¹³ Entre 2 e 4 de outubro de 2017, o Grupo participou, inclusive tendo alguns de seus membros na comissão organizadora, do Seminário Internacional: patrimônio, história intelectual e cultura na África Ocidental, promovido como um dos frutos da parceria firmada entre o Centro de Estudos Africanos da UFMG, coordenado à época pela Professora Vanicléia Silva Santos e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa da Guiné-Bissau (INEP). O evento

A memória e o testemunho presentificados em narrativas africanas em língua portuguesa delinearam as discussões do ano de 2018. Os textos teóricos trabalhados foram: **Versos e gritos**: memória poética da guerra colonial, de Ribeiro e Vecchi (2012); **Nação e narração**: o que nos dizem os cinemas africanos?, de Apa (2012); partes de **Crítica da razão negra**, de Mbembe (2014); **Testemunho e a política da memória**, de Selligmann-Silva (2010); **Memória e história**, de Catroga (2001); “O literário é político”, de Ribeiro (2012); partes de **Políticas de inimizade**, de Mbembe (2017); e, da obra **Histórias afro-atlânticas** os textos “O tempo que se agita” (Mbembe), “Identidade cultural e diáspora” (Hall) e *Black hair*: políticas de estilo (MERCER, 2018). Os textos literários discutidos foram: “O último bordel”, de Manuel Rui (1977); **Campo de trânsito**, de João Paulo Borges Coelho (2007); e **No reino dos abutres**, de Ungulani Ba Ka Khosa (2002). As narrativas fílmicas discutidas foram: “Desobediência”, “Hóspedes da noite”, “Comboio de sal e açúcar” e “A virgem Margarida”, de Licínio Azevedo; e “As catorzinhas de Moçambique”, de Reginaldo Blanco. Também foram discutidos intensamente alguns aspectos dos diários e cartas e documentário sobre o papel da guerrilheira Deolinda Rodrigues, sobretudo, a sua contribuição para o movimento de libertação angolana.

Em 2019, os encontros se dedicaram a debater algumas questões que se agudizam na cena política mundial e, de igual modo, na brasileira, no momento atual, com o seguinte ferramental teórico: a parte intitulada “Modernidade e infra-humanidade”, da obra **Entre campos**: nações, culturas e o fascínio da raça, de Gilroy (2007); o capítulo “O pós-colonial e o pós-moderno”, da obra **Na casa de meu pai**, de Appiah (1997); o capítulo “Pós-colonial/ismo”, de Leite (2016); o artigo “Estudos pós-coloniais: desconstruindo genealogias eurocêntricas”, de Mata (2014); e “Localizar o pós-colonial”, de Mata (2016).

reuniu, em Belo Horizonte, expressiva delegação guineense, incluindo Odete Semedo e Abdulai Sila.

No segundo semestre de 2019, a proposta partiu da premissa de que, nas palavras da coordenadora,

[...] a memória da violência, em seus vários tipos e formas, está presente em diversas obras literárias de autoria feminina, em países africanos, mas também no Brasil e nos Estados Unidos. A escrita dessa memória, no âmbito da literatura, tem permitido a pesquisadores e estudiosos investigar os modos como cada escritora retoma a violência sistêmica que prevalece desde a transformação dos africanos em *homens-mercadoria*, em *mais-valia* (Mbembe, 2014, p. 91), à imposição de normas de subjugação e exploração pela colonização europeia, na África, Brasil e Estados Unidos, e mesmo a advinda das determinações da tradição, do machismo, do patriarcalismo e de eventos traumáticos que pontuam uma história de alucinações descrita e questionada nas páginas dos romances selecionados. (FONSECA, 2019, s.p.).

O grupo pretende, através das obras literárias em que são trazidas à cena diferentes formas de violência praticadas contra o povo negro e, sobretudo, contra a mulher, melhor compreender os modos de inscrição, na cena literária, da colônia, do colonialismo e, sobretudo, as formas como o colonialismo fabricou o colonizado, aspectos destacados pelo filósofo camaronês, Achille Mbembe (2014). Essa proposta, em consonância com os argumentos de Fonseca (2019) ao afirmar que:

Em muitas das obras literárias selecionadas para a discussão proposta estão presentes vivências dramáticas e traumas provocados por “uma certa força do olhar” (Mbembe, 2014, p. 1910), característica da ordem colonial, cujos

ecos permanecem no pós-independência, em África, mas também reiterando formas de violência que se mantêm nas sociedades brasileira e norte-americana, sobretudo exercida sobre negros e negras. É importante destacar que as narrativas elencadas para as discussões assumem estratégias de construção textual que por vezes se aproximam do testemunho e do depoimento, fazendo com que o gênero romance se abra a relatos de mulheres sobre vários tipos de violência, ressaltando pontos de vista femininos sobre a escravidão, a colonização e situações de guerra caracterizadas pela prática de extrema crueldade exercida, por vezes, pelos habitantes de um mesmo país.

A coordenadora do grupo afirma que ao trabalhar com narrativas de

[...]autoria negra feminina de países africanos, do Brasil e dos Estados Unidos, reforça o interesse de seus pesquisadores por conhecer as estratégias escolhidas pelas escritoras para lidar com políticas da memória que, como diz Andreas Huyssen (2000), indicam que a memória continua a ser “um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes” (Huyssen, 2000, p. 9). As discussões também destacam o fato de a mulher, como intelectual ou escritora, ter “uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio”, como diz Gayatri Spivak (2010, p. 128). (FONSECA, 2019, s. p.).

Assim, de agosto a dezembro de 2019, os geedistas analisaram e discutiram as seguintes obras literárias: **A cor púrpura**, Alice Walker (Estados Unidos); **A mulher de pés descalços**, Baratas e **Nossa**

Senhora do Nilo, Scholastique Mukasonga (Ruanda); **Amada e Compaixão**, Toni Morrison (Estados Unidos); **Hibisco roxo, Meio sol amarelo e Americanah**, Chimamanda Ngozi Adichie (Nigéria/Estados Unidos); **As alegrias da maternidade**, Buchi Emecheta (Nigéria); **A estação das sombras e Contornos da vida que vem vindo**, Lénora Miano (Camarões); **Esse cabelo**, Djaimilia Pereira de Almeida (Angola/Portugal); **Eu sei por que o pássaro canta na gaiola**, Maya Angelou (Estados Unidos); **Esperança para voar**, Rutendo Tavengerwei (Zimbábue); **Niketche, uma história de poligamia e O alegre canto da perdiz**, Paulina Chiziane (Moçambique); **O crime do cais Valongo**, Eliana Alves Cruz (Brasil); **Olhos d'água**, Conceição Evaristo; **Um defeito de cor**, Ana Maria Gonçalves (Brasil); **O que acontece quando um homem cai do céu**, Lesley Nneka Arimah (Inglaterra) e **Precisamos de novos nomes**, Noviolet Bulawayo (Zimbábue).

Em mais de 180 reuniões, o GEED se manteve empenhado na elaboração de conhecimentos que não se descolam dos objetivos propostos em cada um dos projetos de pesquisa nessa quase uma década de existência do Grupo. Para viabilizar sua continuidade, as reuniões, que sempre aconteciam na PUC Minas, prédio 20, *campus* Coração Eucarístico – Belo Horizonte, agora acontecem na casa da Professora Nazareth, em Belo Horizonte. Os integrantes residentes em outras cidades mineiras e em outros estados do Brasil mantêm a sua participação viabilizada pelas tecnologias de informação e comunicação.

6 A COLHEITA

Seria interessante enumerar algumas pesquisas que foram realizadas e concluídas por integrantes, em diferentes momentos, do GEED. É o que se passa a apresentar a seguir.

Foram produzidas as seguintes monografias, por discentes da Iniciação Científica: “A literatura afro-brasileira no Ensino Fundamental: realidade ou utopia”, por Douglas Gomes (2015); “A representação da mulher moçambicana em contos de Mia Couto”,

por Adriana Pires da Silva (2015); “**Mayombe**, de Pepetela: configurações espaciais e vozes narrativas”, por Ana Livia Siqueira Novacoski (2010); “Memória social e estratégias literárias em contos de Manuel Rui”, por Francielle Nogueira Teodoro (2009); “Carnavalização e configuração do inusitado em um conto de Manuel Rui”, por Clara de Souza Nascimento Trigueiro (2012) e “A construção da memória no romance **O vendedor de passados**”, por Francislaine Braga de Almeida (2012). Paulo Henrique Maia Melgaço, em 2012, produziu monografia de conclusão de curso de especialização intitulada “Razia negra: invasões e ocupações de negros fugidos como forma de resistência à escravidão”.

Algumas dissertações podem ser enumeradas: “Estratégias narrativas e identidades deslizantes em **Venenos de Deus, remédios do diabo**, de Mia Couto”, de Márcia Souto (2011); “A língua é minha pátria: hibridação e expressão de identidades nas literaturas africanas de língua portuguesa”, de Lilian Paula Serra e Deus (2012); “Memória e espaço urbano em contos angolanos: estratégias narrativas”, de Francielle Nogueira Fernandes Teodoro (2012); “Visualidade poética de Ana Paula Tavares e Manuel de Barros”, de Lara Firmino Araújo (2012); “Aquele canto sem razão: configuração espacial em contos de Guimarães Rosa, Luandino Vieira e Boaventura Cardoso”, de Wellington Marçal de Carvalho (2013); “Ancestralidade e imagem de nação no cantopoema **No fundo do canto**, de Odete Semedo”, de Karina de Almeida Calado (2014); “A inclusão de obras de Mia Couto nos *kits* de literatura de escolas mineiras e os pressupostos da Lei n. 10.639/2003: pontos de vista e propostas de leitura”, de Eni Alves Rodrigues (2015); “Assimilação e alteridade: um estudo do conto “Mestre Tamoda”, de Uanhenga Xitu”, de Clara de Sousa Nascimento Trigueiro (2016); “**Predadores**: a crônica de uma nação”, de Alice Botelho Peixoto (2016); “Percurso da memória em poemas de Ana Cruz e Conceição Evaristo”, de Bruna Carla dos Santos (2017) e “Múltiplas feições da memória em **Um defeito de cor**, de Ana Maria Gonçalves”, de Erinaldo de Jesus Borges (2018).

Por fim, citam-se teses de doutorado com alguma vinculação ao GEED: “O caçador de ausências: o sagrado em Mia Couto”, de

Antônio Geraldo Cantarela (2010); “As mandjuandadi – cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura”, de Odete da Costa Semedo (2010); “Lembrar e carpir: estratégias de construção de poemas escritos por mulheres nas literaturas africanas de língua portuguesa”, de Vera Lúcia Sales Ferreira (2011), “Olhares irônicos sobre a morte: memória e travestimentos em narrativas de língua portuguesa”, de Roberta Maria Ferreira Alves (2013); “A estética da dissimulação na literatura de Machado de Assis”, de Natalino da Silva de Oliveira (2015); “Identidades em trânsito em romances e contos de Mia Couto”, de Arnon de Miranda Gomes (2015); “Nações entrecruzadas: tessitura da resistência na poesia de Conceição Evaristo, Paula Tavares e Conceição Lima”, de Assunção de Maria Sousa e Silva (2016); “Memória, identidade e bastardia em **As visitas do Dr. Valdez**, de João Paulo Borges Coelho, **O outro pé da sereia**, de Mia Couto e **Leite derramado**, de Chico Buarque”, de Lilian Paula Serra e Deus (2016); “A relevante tarefa de forjar a guineidade: a prosa de Odete Semedo e Abdulai Sila”, de Wellington Marçal de Carvalho (2017); “Virgílio de Lemos: poesia em trânsito, de Luciana Brandão Leal (2018)”¹⁴; “Corpos dilacerados: violência em contos de escritoras africanas e afro-brasileiras”, de Franciane Conceição da Silva (2018); “Memórias de guerra: estudo comparativo dos romances **Terra sonâmbula**, de Mia Couto e **A geração da utopia**, de Pepetela”, de Consuelo Dores Silva (2018); “Vozes da dissonância no Atlântico negro: encenações da diáspora nos romances **Úrsula**, **Um defeito de cor** e **Becos da memória**”, de Karina de Almeida Calado (2019); “Crítica acadêmica das literaturas africanas de língua portuguesa no Brasil: um estudo de teses produzidas no período de 2013 a 2017, disponibilizadas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES” de Eni Alves Rodrigues (2020), e “Identidade, espaço e

¹⁴ Excelente fatura colhe o GEED, com as notícias da pré-seleção do Prêmio CAPES de Teses – em 2016, do trabalho de Assunção de Maria Sousa e Silva, intitulado “Nações entrecruzadas: tessitura da resistência na poesia de Conceição Evaristo, Paula Tavares e Conceição Lima” e, em 2018, do trabalho de Luciana Brandão Leal, intitulado “Virgílio de Lemos: poesia em trânsito”, ambos orientados pela Professora Maria Nazareth.

estratégias narrativas em romances africanos do Mali, Moçambique e Nigéria”, de Alice Botelho Peixoto (2020).

7 OS EVENTOS

Uma das atividades a cargo do GEED compreendia o planejamento, organização, viabilização e realização de mini-simpósios, momentos de profícua interlocução e troca de pontos de vista entre os integrantes e o público em geral. Esse intercâmbio de saberes aconteceu, por exemplo, em março de 2010, quando foi tema agregador daquela edição do evento “Visões de ir(r)realidades: literatura e arte”. Com o objetivo de discutir diferentes visões e percepções, na arte e na literatura, dos conceitos de maravilhoso, real-maravilhoso, realismo mágico, fantástico e surrealismo. Para ilustrar a riqueza que foi o evento, basta observar a composição da mesa de encerramento, com exposições da Professora Melânia Silva de Aguiar e dos Professores Audemaro Taranto Goulart e Márcio Serelle. Exerceram a função de debatedores, as Professoras Márcia Marques de Moraes e Maria Nazareth Fonseca. O evento contou, também, com mesas redondas sobre o insólito na literatura e na arte, bem como, sobre o estranho na literatura, levadas a cabo por pesquisadores discentes da Pós-Graduação em Letras – Literaturas da PUC Minas.

Em junho de 2011, aconteceu novo mini-simpósio intitulado “Paisagens propícias: homenagem a Ruy Duarte de Carvalho”. Nele foram apresentadas leituras críticas, por integrantes do GEED, do romance “**Desmedida**”, além de exibição do documentário “Viagens no vai-vém das balsas”. O encerramento contou com palestra da Professora Rita Chaves.

Com a temática “Realismos e novos realismos nas literaturas africanas”, realizou-se novo mini-simpósio, em setembro de 2014. Estruturado em quatro mesas redondas, os integrantes do Grupo apresentaram leituras críticas sobre obras de Luandino Vieira, Pepetela, Armênio Vieira, Mia Couto, Machado de Assis e Paulina

Chiziane. Vale sublinhar que o cartaz confeccionado para divulgação se valeu da belíssima “**Vivências**”, pintada por Malanganta Valente.

No mês de maio de 2017, nova edição do mini-simpósio, coordenada pelas pesquisadoras do GEED Karina Calado e Roberta Alves, aconteceu. Com o tema “Realismos, deslocamentos e memórias”, almejou-se retomar discussões que, desde 2010, têm sido produzidas pelo Grupo. Os textos apresentados foram reunidos e publicados no número 32, de 2018, do *Cadernos CESPUC de Pesquisa, série Ensaios*, disponível, em texto completo, na internet. Como o próprio fascículo do *Cadernos* enfatiza, trata-se de ensaios e artigos que refletem criticamente, as diferentes vertentes e feições de uma “intenção realista” que, como salienta Pellegrini (2012), está presente na literatura desde suas origens bem antes, portanto, de se configurar como uma expressão estética, “de lastro francamente positivista”, no final do século XIX. Cumpre dizer, também, que esse evento abria a caixa de surpresas que carinhosamente foi preparada, meses a fio, para celebrar os 80 anos de vida da Professora Maria Nazareth Fonseca.

8 OS DESLOCAMENTOS

Uma estratégia muito bem-sucedida foi a definição de, na medida do possível, visitar exposições de arte para possibilitar, entre outros fatores, a propositura de interlocução com outras formações discursivas. As ricas discussões provocadas pelo contato com as exposições foram de grande valia na aquisição de visões de mundo, principalmente, nos diálogos que posteriormente eram estabelecidos quer com as temáticas programadas nos encontros do Grupo, quer no salutar rebatimento das provocações dos vários artistas no cerne das pesquisas desenvolvidas pelos integrantes do GEED. Podem ser citadas algumas dessas exposições visitadas, como por exemplo, a que foi feita em maio de 2014, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em que estava à mostra obras do artista australiano Ron Mueck.

Em meados de 2015, foi visitada a exposição *Africa Africans*, sediada no Museu Afro-Brasil, no Parque do Ibirapuera, em São Paulo. Entre obras de mais de 20 artistas de diferentes pertencimentos africanos, citam-se El Anatsui, Bright Ugochukwu Eke e Yinka Shonibare, MBE.

O Grupo também se fez presente, entre várias outras exposições, na que exibiu trabalhos de Kandinski, no CCBB em São Paulo, em 2015; na *Exhibit B*, de Brett Bayley, em São Paulo, também em 2015; no CCBB, em Belo Horizonte, na *Mulheres, o traço poético*, de Fernando Fiúza, em 2015 e, em 2019, na *Raiz*, do artista chinês Ai Weiwei.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que a memória é definida como a faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos. Em tentativas variadas para definirmos tal mecanismo, a percebemos como a capacidade de adquirir, armazenar e recuperar (evocar) informações disponíveis, seja internamente, no cérebro (memória biológica), seja externamente, em dispositivos artificiais (memória artificial). Também podemos percebê-la como o armazenamento de informações e fatos obtidos através de experiências ouvidas ou vividas.

Então, esse projeto que apresentamos materializado em forma de um livro, é a nossa tentativa de resgate dos caminhos traçados pelas pesquisas, aprendizado e conquistas que envolveram esses anos todos. Esse livro servirá como um fantástico e essencial lugar de memória, que segundo Nora (1993), em todos os sentidos do termo, vai do objeto material e concreto, ao mais abstrato, simbólico e funcional, simultaneamente e em graus diversos, esses aspectos devem coexistir sempre:

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é

lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o extremo de uma significação simbólica, é, ao mesmo tempo, um corte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, a um lembrete concentrado de lembrar. Os três aspectos coexistem sempre [...]. É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por pequeno número uma maioria que deles não participou. (NORA, 1993, p. 21-22).

Ao criarmos esse local de memória tão particular, estabelecemos nossa tentativa de disseminar o conhecimento, por nós, geodistas, experienciado e acumulado ao longo de uma década. Nossa aprendizagem diaspóricamente percorreu os corredores da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, mergulhando em reflexões levantadas por teóricos de Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Nigéria, Portugal, Dinamarca, Camarões, França, China, Martinica, Inglaterra, Canadá, Alemanha, Jamaica, Martinica, Índia, Estados Unidos, Venezuela, Grécia, Polônia, Eslovênia, Itália, como instrumentos de leituras de textos literários e ou artísticos. Ampliamos nosso grupo ao montarmos nossos mini-simpósios e eventos; ao participarmos de congressos, colóquios e exposições, momentos preciosos de troca de saberes. Em rodas de conversa, fossem em sala de aula, salas de cinema, almoços e jantares, efetuamos trocas profícuas do processo ensino/aprendizagem. Hoje, nosso ponto de encontro, não mais se

localiza dentro de uma instituição educacional, e sim, no aconchego de um lar no São Bento, bairro residencial da cidade de Belo Horizonte. Prontos e dispostos para as próximas décadas.

REFERÊNCIAS

A BATALHA de Tabatô. Direção de João Viana. Guiné-Bissau, Portugal: Papaveronoir Films, 2013. 1 DVD. (78 min.).

ABREU, G. História de garra. **Casa Cláudia**, ano 39, n. 5, p. 42, maio 2015.

AGAMBEN, G. Festa, luto e anomia. *In*: _____. **Estado de exceção**: estado de sítio. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 99-111.

AGUALUSA, J. E. **Teoria geral do esquecimento**. São Paulo: Foz, 2012.

AMARILIS, O. Cais-do-Sodré. *In*: _____. **Cais-do-Sodré-té-Salamansa**. Coimbra: Centelha, 1971. p. 9-21.

ANDRADE, C. Um conto igual a muitos. *In*: _____. **Estórias de contratados**. Lisboa: Ed. 70, 1980. p. 39-46.

APPIAH, K. A. A invenção da África. *In*: _____. **Na casa de meu pai**: a África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p. 19-51.

ARENDT, H. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

ARNAUT, L.; MOREIRA, R. **O barômetro e o lenço de seda**: efeitos de real em Roland Barthes e Michel de Certeau. 2011.

ASSMANN, A. Sobre as metáforas da recordação. *In*: _____. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: UNICAMP, 2011. p. 161-192.

AZEVEDO, A. **O mulato**. São Paulo: Ática, 1992. 257 p.

BARBOSA, J. **Obra poética**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2002.

BARTHES, R. Aula do dia 17 de fevereiro de 1979: efeito do real, ou melhor de realidade (Lacan). *In*: _____. **A preparação do romance I**: da vida à obra. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 143-159.

BARTHES, R. O efeito de real. *In*: _____. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 158-165.

- BAUMAN, Z. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 170 p.
- BERGH, I.; MISSCHAERT, I. **A jornada do pequeno senhor tartaruga**. São Paulo: Pulo do Gato, 2014. 31 p.
- BIRSTEIN, V. J. Three days in “Auschwitz without gas chambers”: Henry A. Wallace’s visit to Magadan in 1994. **Dossier n. 34**. Iowa City: Iowa Libraries, 1944. 39 p.
- BOGO, A. (Org.). O legado de Antônio Agostinho Neto. *In*: _____. **Teoria da organização política II: escritos de Mariátegui, Gramsci, Prestes, Che, Ho Chi-minh, Marighella, Álvaro Cunhal, Agostinho Neto, Florestan Fernandes**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- BONASSI, F. **Passaporte**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
- BRAGA, J. P. Entre dois mundos: um olhar sobre a loucura feminina nos romances *O alegre canto da Perdiz*, de Paulina Chiziane e *A louca de Serrano*, de Dina Salústio. **Cadernos CESPUC de Pesquisa**, Belo Horizonte, n. 19, 2010, p. 205-213.
- BRANDÃO, J. L. No princípio era a água. **Revista UFMG**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 22-41, jul./dez. 2013.
- BRITO-SEMEDO, M. A formação da nação crioula: as ilhas de Cabo Verde. *In*: _____. **A construção da identidade nacional: análise da imprensa entre 1877 e 1975**. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional do Livro, 2006. p. 69-97.
- BRUNSCHWING, H. **A partilha da África Negra**. São Paulo: Perspectiva, 2004. 128 p. (Coleção Khronos, 6).
- CABAÇO, J. L. **Violência, nacionalismo e identidade: uma experiência vivida**. Coimbra: [S.n.], 2012. Depoimento.
- CAMINHA, A. **Bom crioulo**. São Paulo: DIFEL, 2006. 72 p.
- CAMPOS, A. [Fernando Pessoa]. Ode marítima. *In*: _____. **Poemas de Álvaro de Campos**. Porto Alegre: L&PM, 2011. p. 61-96.
- CANCLINI, N. G. Não sabemos como chamar os outros. *In*: _____. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003. p. 99-116.
- CANDIDO, A. Direito à literatura. *In*: _____. (Org.). **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Ouro sobre azul, 2004. p. 170. Mimeografado.

- CARDOSO, A. O cipaio Mandombe. *In*: _____. **Baixa & musseques**. Lisboa: Ed. 70, 1980. p. 69-77.
- CARDOSO, B. **A morte do velho Kipacaça**. Luanda: Maianga, 2004. 77 p.
- CARDOSO, B. **Dizanga dia muenhu**. 4. ed. Rio Tinto: Asa/UEA, 1988. 79 p.
- CARDOSO, B. **O fogo da fala**: exercícios de estilo. Lisboa: Edições 70, 1980. 120 p.
- CARDOSO, B. Pai Zé canoa miúdo no mar. *In*: _____. **O fogo da fala**. Lisboa: Edições 70, 1980. p. 80-93.
- CARON, M. F. A cultura de Guiné-Bissau revelada em experiência de ensino de português brasileiro para universitários. **Vozes dos Vales**, Diamantina, MG, n. 4, ano. 2, out. 2013.
- CARPENTIER, A. **Dos novelas**: El reino de este mundo: El Acoso. Caracas: El Nacional, 1948. p. 12-122.
- CARPENTIER, A. **O reino deste mundo**. Tradução de João Olavo Saldanha. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1985.
- CARVALHO, R. D. Arte poética: aprendizagem do dizer festivo. *In*: _____. **Lavra**: poesia reunida 1970-2000. Lisboa: Cotovia, 2005.
- CHAUÍ, M. Ética e violência. **Teoria e Debate**, n. 39, out./nov./dez. 1999.
- CHIAMPI, I. **O realismo maravilhoso**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.
- CHIMAMANDA, A. O perigo da história única. **TEDTalks**, 2009. Disponível em: http://www.ted.com/talks/lang/pt/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.ht. Acesso em: 25 maio 2013.
- CHIZIANE, P. **Eu, mulher... por uma nova visão do mundo**. Belo Horizonte: Nandyala, 2013. 16 p.
- CHIZIANE, P. **O alegre canto da perdiz**: romance. Lisboa: Caminho, 2008. 342 p. (Outras margens, 73).
- COELHO, J. P. B. **As visitas do Dr. Valdez**. Maputo: Ndjira, 2004. 221 p.
- COETZEE, J. M. **À espera dos bárbaros**. São Paulo: Best Seller, 1980. 191 p.
- COUTO, M. **Contos do nascer da terra**. Lisboa: Caminho, 1997.

- COUTO, M. A porta. *In*: _____. **O país do queixa-andar**: crônicas jornalísticas. Maputo: Ciedima, 2005. p. 9.
- COUTO, M. Afinal, Carlota Gentina não chegou de voar? *In*: _____. **Vozes anoitecidas**. Lisboa: Caminho, 1987. p. 83-95.
- COUTO, M. **Murar o medo**. Disponível em: <http://praler.wordpress.com/2012/02/19/o-medo/#more-3031>. Acesso em: 06 jun. 2013.
- COUTO, M. O homem que desconseguiu roubar. *In*: _____. **O país do queixa-andar**: crônicas jornalísticas. Maputo: Ciedima, 2005. p. 10-11.
- COUTO, M. O poente da bandeira. *In*: _____. **Estórias abensonhadas**: contos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996a. p. 51-53.
- COUTO, M. Pranto de coqueiro. *In*: _____. **Estórias abensonhadas**: contos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996b. p. 63-67.
- COUTO, M. Sonhar em casa. *In*: _____. **E se Obama fosse africano? e outras intervenções**. Lauro de Freitas: Caminho, 2009. p. 65-71.
- CRAVEIRINHA, J. Confessionário II. *In*: _____. **Poemas da prisão**. Maputo: Ndjira, 2003. p. 121-122.
- CRAVEIRINHA, J. Confissão espontânea. *In*: _____. **Poemas da prisão**. Maputo: Ndjira, 2003. p. 116.
- CRAVEIRINHA, J. Hamina faz hara-quiri nos templos da rua Araújo. *In*: SAÚTE, N. (Org.). **As mãos dos pretos**: antologia do conto africano. Lisboa: Dom Quixote, 2000. p. 61-63.
- CRAVEIRINHA, J. Hamina faz hara-quiri nos tempos da Rua Araújo. *In*: _____. **Hamina e outros contos**. Lisboa: Caminho, 1997. p. 20-25.
- CRAVEIRINHA, J. História de Sonto: o menino dos jacarés de pau. *In*: _____. **Hamina e outros contos**. Maputo: Ndjira, 1996. p. 40-46.
- CRAVEIRINHA, J. Interrogatório II. *In*: _____. **Poemas da prisão**. Maputo: Ndjira, 2003a. p. 94.
- CRAVEIRINHA, J. O cigarro. *In*: _____. **Poemas da prisão**. Maputo: Ndjira, 2003b. p. 99.
- CRAVEIRINHA, J. **Obra poética**. [S.l.: S.n.], [19--?]. p. 62-81.

CRAVEIRINHA, J. Vieram buscar-me. *In*: _____. **Poemas da prisão**. Maputo: Ndjira, 2003c. p. 120.

CRUZ, A. Memória. *In*: _____. **Guardados da memória**. Niterói: Ed. da Autora, 2008. p. 47-48.

DALOMBA, A. **Aos teus pés, quanto baloiça o vento**. São Paulo: Zian, 2006. 61 p.

DEPESTRE, R. **Bom dia e adeus à negritude**. Tradução: Maria Nazareth Soares Fonseca [e] Ivan Cupertino. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/depestre/depestre.pdf>. Acesso em: 20 maio 2011.

DORFMAN, A. A intolerância e os dilemas da identidade numa perspectiva bilíngue. *In*: BARRET-DUCROCQ, F. B. **A intolerância**: foro internacional sobre a intolerância, Unesco, 27 de março de 1997. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 123-127.

ECO, U. Definições. *In*: BARRET-DUCROCQ, F. B. **A intolerância**: foro internacional sobre a intolerância, Unesco, 27 de março de 1997. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 13-19.

ESCRITORES da liberdade. Direção de Richard LaGravenese. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2007. 1 DVD (122 min.). Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?> Acesso em: 13 dez. 2016.

FANON, F. Sobre a violência. *In*: _____. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: UFJF, 2005. p. 49-113.

FARGO. Direção: Ethan Coen e Joel Coen. São Paulo: Abril Coleções, 2008. 1 DVD (98 min.).

FERREIRA, J. S M. A minha terra. *In*: _____. **Espontaneidades da minha alma (às senhoras africanas)**. 3. ed. Luanda: UEA, 1985a. p. 12-19.

FERREIRA, J. S M. A um jovem. *In*: _____. **Espontaneidades da minha alma (às senhoras africanas)**. 3. ed. Luanda: UEA, 1985b. p. 49.

FERREIRA, J. S M. Kicôla. *In*: _____. **Espontaneidades da minha alma (às senhoras africanas)**. 3. ed. Luanda: UEA, 1985c. p. 67.

FERREIRA, J. S M. N'um batuque. *In*: _____. **Espontaneidades da minha alma (às senhoras africanas)**. 3. ed. Luanda: UEA, 1985d. p. 49.

FERREIRA, M. (Org.). **Almanach de lembranças: 1854-1932**. Lisboa: ALAC, 1993.

FERREIRA, M. Kicôla! *In*: _____. **No reino de Caliban II**. Venda Nova: Cátano, 1988. p. 37.

FIGUEIREDO, V. L. F. Novos realismos, novos ilusionismos. *In*: MARGATO, I.; GOMES, R. C. (Orgs.). **Novos realismos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 119-132.

FONSECA, M. N. S. **Imagens de nação em afrodições literárias**. Disponível em: <http://www.pucminas.br/pos/letras>. Acesso em: 05 nov. 2014.

FONSECA, M. N. S. Literaturas africanas de língua portuguesa: projetos literários e expressões de nacionalidade. *In*: _____. **Literaturas africanas de língua portuguesa: percursos da memória e outros trânsitos**. Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2008. p. 17-51.

FONSECA, M. N. S. Políticas de esquecimento e desejos de lembrar. *In*: CHAVES, R.; MACEDO, T. (Orgs.). **Literaturas em movimento: hibridismo cultural e exercício crítico**. v. 1. São Paulo: Via Atlântica, 2003. p. 97-111.

FONSECA, M. N. S.; MALARD, L. **A relação história/estória em Incidente em Antares**. 1980. 141 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2013.

FRANCK, E.; NAUWELAERTS, K. **Olhe para mim**. São Paulo: Pulo do Gato, 2014. 38 p.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51. ed. São Paulo: Global, 2006. 727 p.

GAGNEBIN, J. M. Memória, história, testemunho. *In*: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (Orgs.). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: UNICAMP, 2004. p. 85-94.

GARUBA, H. Explorações no realismo animista: notas sobre a leitura e a escrita da literatura, cultura e sociedade africana. Tradução de Elisângela da Silva Tarouco. **Nonada: Letras em revista**, ano 15, n. 19. p. 235-256, 2012.

GILROY, P. **Entre campos: nações, culturas e o fascínio da raça**. Tradução de Célia Azevedo. São Paulo: Annablume, 2007.

GOMES, S. C. **A poesia de Cabo Verde**: um trajeto identitário. Disponível em: <http://www.simonecaputogomes.com/textos/a%20poesia%20de%20cabo%20verdeL.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2011.

GUMBRECHT, H. U. Pequenas crises: experiência estética nos mundos cotidianos. *In*: GUIMARÃES, C.; LEAL, B.; MENDONÇA, C. **Comunicação e experiência estética**. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 50-63.

HALL, S. Quando foi o pós-colonial? Pensando no limite. *In*: SOVIK, L. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HAMPATÉ BA, A. Palavra africana. **O Correio da UNESCO**, ano 21, n. 11, p. 16-20, nov. 1993.

HARP [in] AFRICA. SADIE, S. (Ed.). **The new Grove dictionary of music and musicians**. 2. ed. v. 10. New York: Grove, 2001. p. 881-929.

HÉRITIER, F. Definições. *In*: BARRET-DUCROCQ, F. **A intolerância**: foro internacional sobre a intolerância, Unesco, 27 de março de 1997. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 24-27.

HISSA, C. E. V. **A mobilidade das fronteiras**: inserções da geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: UFMG, 2006. 316 p. (*Humanitas*; v. 70).

HONWANA, L. B. As mãos dos pretos. *In*: _____. **Nós matamos o cão-tinroso**. São Paulo: Ática, 1980.

HONWANA, L. B. Dina. *In*: _____. **Nós matamos o cão-tinroso**. São Paulo: Ática, 1980. p. 40-53.

HUYSSSEN, A.; ALCIDES, S. Passados presentes: mídia, política, amnésia. *In*: _____. **Seduzidos pela memória**. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004. p. 9-40.

IMPEY, A. Popular music in Africa. *In*: STONE, R. M. (Ed.). **Africa**: the Garland encyclopedia of world music. New York: Garland Publishing, 1998. p. 420-422.

JACINTO, A. **Castigo pro comboio malandro**. Disponível em: <http://betogomes.sites.uol.com.br/AntonioJacinto.htm>. Acesso em: 06 set. 2011.

JACINTO, A. **Monangamba**. Disponível em: <http://betogomes.sites.uol.com.br/AntonioJacinto.htm>. Acesso em: 06 set. 2011.

JAMES, C. L. R. **Os jacobinos negros - Toussaint Louverture e a revolução de São Domingos**. São Paulo: Editorial Boitempo, 2000.

KANDJIMBO, L. Para uma breve história da ficção narrativa angolana nos últimos cinquenta anos. **Revista de Filologia Românica**, Madri, v. II, p. 161-184, 2001.

KLUCINSKAS, J.; MOSER, W. A estética à prova da reciclagem cultural. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 11, n. 20, p. 17-42, 2007.

KORA. In: SADIE, S. (Ed.). **The new Grove dictionary of music and musicians**. 2. ed. New York: Grove, 2001. p. 796-798.

KOUBI, G. Entre sentimentos e ressentimentos: as incertezas de um direito das minorias. In: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (Org.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: UNICAMP, 2004. p. 529-554.

LACHENMEYER, N. **Bicos quebrados**. São Paulo: Global, 2003.

LANGIDILA, **diário de um exílio sem regresso**. Direção de Nguxi dos Santos e José Rodrigues. Luanda: Total Comunicação, [2014?] 1 DVD. (118 min.). Disponível em: <https://m.youtube.com>user>Langidila>. Acesso em: 13 dez. 2016.

LEITE, A. M. Lee-Li Yang, um heterônimo feminino de Virgílio de Lemos. In: MATA, I. (Org.). **A mulher em África**: vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Colibri; Centro de Estudos Africanos; FLUL, 2006. p. 381-390.

LEITE, A. M. Reescrever os limiares da história para repensar a nação. In: LEITE, A. M. (Org.). **Nação e narrativa pós-colonial I**: Angola e Moçambique: ensaios. Lisboa: Colibri, 2012. p. 107-122.

LEITE, C. W. Um coração simples, de Gustave Flaubert. **Bula Revista**, 2012. Disponível em: <http://acervo.revistabula.com/posts/web-stuff/um-coracao-simples-de-gustave-flaubert>. Acesso em: 9 set. 2014.

LEITE, I. A. **Rondó**. Disponível em: <http://junkiezombie.blogspot.com.br/2010/06/ivana-arruda-leite.html>. Acesso em: 25 abr. 2013.

- LEMOS, V.; [e] heterônimos. O nascimento do poeta e o canto antropofágico de Msaho. *In*: _____. **Eroticus moçambicanus**: breve antologia da poesia escrita em Moçambique (1944-1963). Rio de Janeiro: Nova fronteira; Editora UFRJ, 1999. p. 23-33.
- LIMA, C. A herança. *In*: _____. **O útero da casa**: poesia. Lisboa: Caminho, 2004a. p. 21-22.
- LIMA, C. Os heróis. *In*: _____. **O útero da casa**: poesia. Lisboa: Caminho, 2004b. p. 23.
- LIMA, C. Proposta. *In*: _____. **O útero da casa**: poesia. Lisboa: Caminho, 2004c.
- MACHADO, C. E.; COZER, R. Em discurso em Frankfurt, Ruffato associa Brasil a genocídio, impunidade e intolerância. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 out. 2013. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/10/1353517-escritor-luiz-ruffato-diz-em-frankfurt-que-brasil-e-pais-da-impunidade-e-intolerancia.shtml>. Acesso em: 12 out. 2013.
- MACIEL, M. E. Poéticas do artifício: Kierkegaard e Pessoa: conversa com Lars Olsen. **Agulha Revista de Cultura**, Fortaleza, n. 20, jan. 2002.
- MACKENZIE, J. M. **A partilha da África 1880-1900 e o imperialismo europeu no século XIX**. São Paulo: Ática, 78 p. (Série Princípios, 237).
- MÃE, V. H. **A desumanização**. Porto: Porto, 2013.
- MÃE, V. H. **A máquina de fazer espanhóis**. Lisboa: Alfaguara, 2010.
- MALI. *In*: SADIE, S. (Ed.). **The new Grove dictionary of music and musicians**. 2. ed. v. 15. New York: Grove, 2001. p. 688-696.
- MARTINS, L. M. A oralitura da memória. *In*: _____. **Afrografias da memória**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza, 1997. p. 23-42.
- MARTUCCELLI, D. Reflexões sobre a violência na condição moderna. **Tempo Social**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 157-175, maio 1999.
- MATA, I. A condição pós-colonial das literaturas africanas de língua portuguesa: algumas diferenças e convergências e muitos lugares-comuns. *In*: LEÃO, Â. V. (Org.). **Contatos e ressonâncias**: literaturas africanas de língua portuguesa. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003. p. 43-72.

- MATA, I. A literatura, universo da reinvenção da diferença. *In*: _____. **A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões**. Luanda: Nzila, 2007. p. 81-92.
- MATA, I. Narrando a nação: da retórica anticolonial à escrita da história. *In*: PADILHA, L. C.; RIBEIRO, M. C. **Lendo Angola**. Lisboa: Afrontamento, 2008. p. 75-86.
- MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014. 306 p.
- MBEMBE, A. Formas africanas de auto-inscrição. **Estudos Afro-Asiáticos**, ano 23, n. 1, p. 171-209, 2001.
- MBEMBE, A. O tempo que se agita. *In*: PEDROSA, A.; CARNEIRO, A.; MESQUITA, A. (Orgs.). **Histórias afro-atlânticas**. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2018.
- MBEMBE, A. **Políticas de inimizade**. Trad. Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.
- MBEMBE, A. Supremacia política e insubordinação simbólica. *In*: _____. **África insubmissa: cristianismo, poder e Estado na sociedade pós-colonial**. Luanda: Padago, 2013. p. 19-33.
- MEDEIROS, A. Notas sobre arte, luxo, lixo, consumo e estética do cotidiano. **Revista Poiésis**, n. 19, p. 75-86, jul. 2012.
- MELO, J. **Poemas angolanos**. Luanda: UEA, 1989. p. 12-13.
- MELO, J. Um angolano especial. *In*: _____. **O homem que não tira o palito da boca: estórias**. Alfragide: Caminho, 2009. p. 39-52.
- MEMEL-FOTE, H. O outro e o mesmo. *In*: BARRET-DUCROCQ, F. **A intolerância: foro internacional sobre a intolerância**, Unesco, 27 de março de 1997. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 46-51.
- MENDES, M. M. **Abraço utópico entre Logos e Sofia em romances de Paulina Chiziane**. 2009. 197 p. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2009.
- MENDONÇA, F. A literatura moçambicana em questão. *In*: _____. **Discursos: estudos de língua e cultura portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995. p. 37-51.

MENDONÇA, F. José Craveirinha, o sonhador de sonhos. *In*: CRAVEIRINHA, José. **Poemas da prisão**. Maputo: Ndjira, 2003.

MERCER, K. **Welcome to the jungle**: new positions in black cultural studies. New York: Routledge, 1994.

MESTRE, D. **Subscrito a giz**: 60 poemas escolhidos (1972-1994). Lisboa: INCN, 1996. p. 48-53.

MIRANDA, W. M. À margem da nação. *In*: LEITE, A. M. (Org.). **Nação e narrativa pós-colonial I**: Angola e Moçambique: ensaios. Lisboa: Colibri, 2012. p. 353-377.

MONPLÉ, L. Stress. *In*: _____. **Os olhos da cobra verde**. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos, 1997. p. 7-19.

MONTAURY, A. Criar e ativar novas realidades: Antônio Jacinto e o testemunho da exclusão. *In*: _____. MARGATO, I.; GOMES, R. C. (Orgs.). **Novos realismos**. Belo Horizonte: UFMG, 2012. p. 103-117.

MONTEIRO, M. R. O conselho. *In*: _____. **Sim camarada**. Lisboa: Edições 70, 1975. p. 9-18.

MONTEIRO, M. R. 601 pares de sapatos com metáfora. *In*: _____. **Saxofone e metáfora**: estórias. Luanda: Cotovia, 2001. p. 24-32.

MONTEIRO, M. R. Capanicos! *In*: _____. **Maninha (cartas optimistas e sentimentais)**: crônicas publicadas no Jornal de Angola. Luanda: Nzila, 2002. p. 68-70.

MONTEIRO, M. R. O balde e a dipanda. *In*: _____. **Maninha (cartas optimistas e sentimentais)**: crônicas publicadas no Jornal de Angola. Luanda: Nzila, 2002. p. 50-52.

MONTEIRO, M. R. O relógio. *In*: _____. **Sim camarada!** Lisboa: Edições 70, 1977. p. 19-55.

MONTEIRO, M. R. Rabo de peixe frito e rusga. *In*: _____. **Saxofone e metáfora**: estórias. Luanda: Cotovia, 2001. p. 33-42.

MUDIMBE, V. Y. A domesticação e o conflito das memórias. *In*: _____. **A ideia de África**. Luanda: Mulemba, 2012a. p. 141-198.

MUDIMBE, V. Y. Os símbolos e a interpretação do passado africano. *In*: _____. **A ideia de África**. Luanda: Mulemba, 2012b. p. 23-64.

- MUDIMBE, V. Y. Que ideia de África. *In*: _____. **A ideia de África**. Luanda: Mulemba, 2012c. p. 65-101.
- NETO, A. **Náusea**. Lisboa: Edições 70, 1980. p. 21-30.
- NETO, A. **Sagrada esperança**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1987.
- NGOMANE, N. Posfácio. Maputo, 21 de janeiro de 2008. *In*: CHIZIANE, P. **O alegre canto da perdiz**: romance. Lisboa: Caminho, 2008. 342 p. (Outras margens, 73).
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- OLIVEIRA, C. Casa na duna. *In*: _____. **Obras de Carlos de Oliveira**. Lisboa: Caminho, 1992a. p. 601-606.
- OLIVEIRA, C. Pequenos burgueses. *In*: _____. **Obras de Carlos de Oliveira**. Lisboa: Caminho, 1992b. p. 730-745.
- OLIVEIRA, C. Uma abelha na chuva. *In*: _____. **Obras de Carlos de Oliveira**. Lisboa: Caminho, 1992c. p. 880-892.
- PAKENHAM, T. F. D. **The scramble for Africa**. London: Abacus, 1991. Disponível em: [http://en.wikipedia.org/wiki/Thomas_Pakenham_\(historian\)#The_Scramble_for_Africa](http://en.wikipedia.org/wiki/Thomas_Pakenham_(historian)#The_Scramble_for_Africa). Acesso em: 11 jun. 2011.
- PATRAQUIM, L. C. **Monção**. Lisboa: Edições 70, 1980. p. 26-29.
- PEELEGRINI, T. Realismo: a persistência de um mundo hostil. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n. 14, p. 11-36, 2009.
- PELLEGRINI, T. Realismos: modos de usar. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 39, p. 11-17, jan./jun. 2012.
- PELLEGRINI, T. Realismo: postura e método. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 137-155, dez. 2007.
- PEPETELA. **Lueji (O nascimento dum império)**. Luanda: UEA, 1989.
- PEPETELA. O nosso país é bué. *In*: _____. **Contos de morte**. Lisboa: Nelson de Matos, 2008. p. 85-94.
- PIETRI, A. U. El cuento venezolano. *In*: PIETRI, A. U. **Letras y hombres de Venezuela**. 3. ed. Madrid: Editorial Mediterráneo, 1974.

- QUEIRÓS, E. **Civilização**. Pará de Minas: Virtualbooks Online M&M, 2003. Disponível em: http://www.gabrieltorres.xpg.com.br/puc/civilizacao_ecaqueiroz.pdf. Acesso em: 10 jan. 2019.
- RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**: estética e política. 2. ed. São Paulo: 34, 2009. 71 p.
- REDOL, A. A. **Gaibéus**. 2. ed. Mira-Sintra; Mem Martins: Publicações Europa-América, 1965. 175 p.
- REIS, C. Arte poética. *In*: _____. **Textos teóricos do neo-realismo português**. Lisboa: Seara Nova, 1981a. p. 32-33.
- REIS, C. Realidade e representação literária. *In*: _____. **Textos teóricos do neo-realismo português**. Lisboa: Seara Nova, 1981b. p. 129-157.
- REIS, C. Realismo e neo-realismo. *In*: _____. **Textos teóricos do neo-realismo português**. Lisboa: Seara Nova, 1981c. p. 49-80.
- REIS, M. F. **Úrsula**: romance. Belo Horizonte: PUC Minas, 2004. 279 p.
- RICHARD, N. Políticas de memória e técnicas do esquecimento. *In*: MIRANDA, W. M. (Org.). **Narrativas da modernidade**. Belo Horizonte, 1999. p. 321-338.
- RICOEUR, P. Definições. *In*: BARRET-DUCROCQ, F. **A intolerância**: foro internacional sobre a intolerância, Unesco, 27 de março de 1997. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 20-23.
- RODRIGUEZ, A. M. Lo real-maravilloso. *In*: _____. **Lo Barroco y lo real-maravilloso en la obra de Alejo Carpentier**. México: Siglo XXI Editores, 1982a. p. 43-51.
- RODRIGUEZ, A. M. Realismo mágico. *In*: RODRIGUES, A. M. **Lo Barroco y lo real-maravilloso en la obra de Alejo Carpentier**. México: Siglo XXI Editores, 1982b. p. 36-43.
- ROSSET, C. A ilusão e o duplo. *In*: _____. **O real e seu duplo**: ensaio sobre a ilusão. Porto Alegre: L&PM, 1988. p. 11-19.
- RUI, M. O relógio. *In*: _____. **Sim camarada!** Lisboa: Edições 70, 1977. p. 19-55.
- SAMPAIO, A. V. Graffiti: tipografia, arte, cidade e ideologias. **Cadernos do PPGAV**, Salvador, ano 3, n. 3, p. 9-19, 2006.

- SANTO, C. E. **Tipologias do conto maravilhoso africano**. Lisboa: Cooperação, 2000. p. 33-46.
- SANTOS, A. Os caos bois. *In*: _____. **O cesto de katandu e outros contos**. Luanda: UEA, 1986a. p. 47-55.
- SANTOS, A. A viagem. *In*: _____. **O cesto de katandu e outros contos**. Luanda: União de Escritores Angolanos, 1986b. p. 31-46.
- SANTOS, D. A. Da ruptura à consolidação: um esboço do percurso literário angolano de 1948 a 1975. **Publicação da Universidade Estadual de Ponta Grossa – Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes**, Ponta Grossa, v. 15, n. 1, p. 31-42, jun. 2007. Disponível em: http://www.uepg.br/propesp/publicatio/hum/2007_1/Donizeth.pdf. Acesso em: 8 set. 2011.
- SARAIVA, S. O realismo animista e o espaço não-nostálgico em narrativas africanas de língua portuguesa. **Anais Encontro Regional da ABRALIC**, 2007.
- SAÚTE, N. A mulher dos antepassados. *In*: _____. **Rio dos bons sinais**. Lisboa: Dom Quixote, 2008. p. 47-59.
- SAÚTE, N. Os netos da mulher que não fazia filhos. *In*: _____. **Rio dos bons sinais**. Lisboa: Dom Quixote, 2008. p. 61-73.
- SCHØLLHAMMER, K. E. **Além do visível**: o olhar da literatura. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.
- SCHØLLHAMMER, K. E. As imagens do realismo mágico. **Gragoatá**, Niteroi, n. 16, p. 117-132, 1. sem. 2004. Disponível em: <http://gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/viewFile/579/444>. Acesso em: 10 fev. 2017.
- SCHOLLHAMMER, K. E. Realismo seletivo: evocar realismo além da representação. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 39, jan./jun., p. 129-148, 2012.
- SELIGMANN-SILVA, M. O testemunho: entre a ficção e o “real”. *In*: _____. (Org.). **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: UNICAMP, 2003. p. 371-385.
- SELIGMANN-SILVA, M. O local do testemunho. **Tempo e argumento**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 3-20, jan./jun. 2010.

SEMEDO, O. C. **Sonéá**: histórias e passadas que ouvi contar I. Bissau: INEP, 2000. 154 p.

SHOHAT, E.; STAM, R. **Crítica da imagem eurocêntrica**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SIGÁ, F. **Arqueólogo da calçada**. Bissau: INEP, 1996. 112 p.

SIQUARA, C. A. Criando pontes com o Brasil. **O Tempo**. Belo Horizonte, p. 5, 05 out. 2011. Caderno M.

SMADJA, M. Um misterioso vínculo. **O Correio da UNESCO**, n. 7, p. 14-16, jul. 1996.

SOUSA, N. Deixa passar o meu povo. *In*: _____. **Sangue negro**. Maputo: AEMO, 2001. p. 57-59.

SOUZA, J. Pensamento mediano. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 18. maio. 2013. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos.pensamento-mediano.1033176.0.htm>. Acesso em: 12 set. 2013.

SPINUZZA, G. Reconfiguração da nação em Janela para Oriente de Eduardo White. *In*: LEITE, A. M. (Org.). **Nação e narrativa pós-colonial I**: Angola e Moçambique: ensaios. Lisboa: Colibri, 2012. p. 159-167.

TAPIES, A. A arte entre o despotismo e a anarquia. *In*: BARRET-DUCROCQ, F. **A intolerância**: foro internacional sobre a intolerância, Unesco, 27 de março de 1997. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 119-122.

TAVARES, P. **Dizes-me coisas amargas como os frutos**. Lisboa: Caminho, 2001. p. 40-41.

TENREIRO, F. J. Canção do mestiço. *In*: _____. **Coração em África**. Linda-a-Velha, Portugal: [S.n.], 1982a. p. 61.

TENREIRO, F. J. Coração em África. *In*: _____. **Coração em África**. Linda-a-Velha, Portugal: [S.n.], 1982b. p. 124-128.

TENREIRO, F. J. Negro de todo o mundo. *In*: _____. **Coração em África**. Linda-a-Velha, Portugal: [S.n.], 1982c. p. 76-81.

TODOROV, T. A conservação do passado. *In*: _____. **Memória do mal tentação do bem**: reflexões sobre o século XX. São Paulo: Arx, 2002. p. 133-171.

TOUMANI DIABATÉ. *In*: SADIE, S. (Ed.). **The new Grove dictionary of music and musicians**. 2. ed. v. 7. New York: Grove, 2001.

UZOIGWE, G. N. Partilha europeia e conquista da África: apanhado geral. *In*: BOAHEN, A. A. (Ed.). **História geral da África**. 2. ed. v. 8. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 21-50.

VATTIMO, G. Adeus à verdade. *In*: SCHULER, F.; SILVA, J. M. (Orgs.). **Metamorfoses da cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 71-89.

VIÇOSO, V. A tragédia do mundo e neo-realismo. *In*: _____. **A narrativa no movimento neo-realista: as vozes sociais e os universos da ficção**. Lisboa: Colibri, 2011. p. 19-64.

VIEIRA, J. L. **A cidade e a infância: contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 143 p.

VIEIRA, J. L. **A vida verdadeira de Domingos Xavier**. São Paulo: Ática, 1961. 96 p.

VIEIRA, J. L. Dina. *In*: _____. **Vidas novas**. 5. ed. Lisboa: Edições 70, 1997. p. 13-24.

VIEIRA, J. L. **Duas estórias**. Lobito: Capricórnio, 1974. 19 p. (Cadernos Capricórnio).

VIEIRA, J. L. **Duas histórias de pequenos burgueses**. Sá da Bandeira: Huila, 1961. 27 p. (Coleção Imbondeiro, 23).

VIEIRA, J. L. **Lourentinho, dona Antônia de Sousa Neto & eu**. Luanda: Maianga, 2004. 101 p. (Biblioteca de literatura angolana).

VIEIRA, J. L. **Luanda: estórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 138 p.

VIEIRA, J. L. **Macandumba**. 2. ed. Rio Tinto: Asa/UEA, 1989. 183 p.

VIEIRA, J. L. **No antigamente, na vida: estórias**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2005. 147 p.

VIEIRA, J. L. O fato completo de Lucas Matesso. *In*: _____. **Vidas novas**. Lisboa: Ed. 70/UEA, 1976. p. 113-138.

VIEIRA, J. L. **Papeis da prisão: apontamentos, diários, correspondência (1962-1971)**. Alfragide: Caminho, 2015. 1086 p.

- VIEIRA, J. L. Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos. *In*: _____. **Luanda: estórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 11-43.
- VIEIRA, J. L. **Velhas estórias**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 1985. 207 p.
- VIEIRA, J. L. **Vidas novas: estórias**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 1997. 111 p.
- WALTY, I. L. C. **BBB 178000000 ou “escolha seu sonho”**. Disponível em: http://www.pucminas.br/imagedb/mestrado_doutorado/publicacoes/PUA_ARQ_ARQUI20121011175811.pdf?PHPSESSID=43f0eae702106eecd0951a7ed9b37cb. Acesso em: 20 maio 2016.
- WESSELING, H. L. A conferência de Berlim. *In*: _____. **Dividir para dominar: a partilha da África 1880-1914**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ; Revan, 1998. p. 129-134.
- WINTER, J. A geração da memória: reflexões sobre o “boom da memória” nos estudos contemporâneos de história. *In*: SELIGMANN-SILVA, M. (Org.). **Palavra e imagem: memória e escritura**. Chapecó: Argos, 2000. p. 67-90.
- WONDJI, C. Da boca do ancião. **O Correio da UNESCO**, n. 7, p. 10-13, jul. 1996.
- YINKA, S. [Informações biográficas]. *In*: WIKIPEDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Yinka_Shonibare. Acesso em: 20 jun. 2011.
- ZIZEK, S. Paixões do real, paixões do semblante. *In*: _____. **Bem-vindo ao deserto do real**. São Paulo: Boitempo, 2003. p. 19-47.